

**REALIZAÇÕES FONÉTICAS NA FALA DO ACRIANO:
ESTUDOS NO LÉXICO DO SERINGUEIRO DO VALE DO ACRE
NOS MUNICÍPIOS DE RIO BRANCO, XAPURI
E PLÁCIDO DE CASTRO**

Jacqueline Goes da Silva (UFAC)

jak.goes@hotmail.com

Márcia Verônica Ramos Macedo Souza (UFAC)

marciavestrela@uol.com.br

A pesquisa está assentado na descrição do léxico do seringueiro acriano, objetivando somar-se aos estudos do *Atlas Linguístico do Acre – AliAc* que, por sua vez, apresenta, um estudo da língua portuguesa falada no Brasil e, particularmente no estado do Acre.

Sendo a língua um produto social, considera-se importante o pensamento de Cunha (1968, p. 32), “Toda língua é um museu histórico e cultura, um documento do relevante ou modesto papel que desempenharam os povos que a falam na vida do mundo”. Não registrar os falares das comunidades da região acriana seria deixar de lado grande parte dos povos amazônicos. No estudo, descreve-se a oralidade da língua portuguesa acriana com traços de unidade e diversidade linguística, bem como a variação diatópica, diastrática, na zona do vale do Acre, Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri, utilizando-se os pressupostos da dialetologia social e geolinguística.

O indivíduo ao falar transmite a mensagem contida em seu discurso, bem como uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal-seu idioleto, mas também filiá-lo a um determinado grupo social.

A língua é um sistema de que se utiliza uma comunidade de falantes e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem. Desse modo, a língua é um instrumento de suma importância, pois é através dela que é possível estabelecer um grau diferenciador entre os membros da sociedade, servindo de veículo para uma comunidade de falantes.

Ao se descrever a oralidade da linguagem dos seringueiros do Acre, utilizou-se para essa tarefa os pressupostos teóricos da dialetologia

social, da fonética e fonologia, da lexicografia, da geolinguística e geografia linguística concebendo esta última como o método dialetológico e comparativo possível de se registrar em mapas especiais as formas linguísticas fônicas dos falares estudados, observando-se os fatores linguísticos (substantivos, adjetivos e verbos) e os extralinguísticos (variação diatópica, diastrática e diafásica).

Tomou-se como referência dos traços extralinguísticos os estudos de Macêdo Sousa (2004, p. 45):

1. Variação diatópica (do grego *topos* = lugar) é a variação relacionada com fatores geográficos (pronúncia diferente, diferentes palavras para designar as mesmas realidades ou conceitos, acepções de um termo diferentes de região para região, expressões ou construções fráscas próprias de uma região). Por exemplo, o Vale do Acre em relação ao Vale do Juruá;
2. Variação diafásica (do grego *phasis* = fala) é a variação relacionada com a diferente situação de comunicação, variação relacionada com fatores de natureza pragmática e discursiva: em função do contexto, um falante varia o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias. Neste estudo, considerou-se como variação diafásica aquelas marcadas pelas faixas-etárias;
3. Variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível) diz respeito aos modos de falar que correspondem a códigos de comportamento de determinados grupos sociais. Neste estudo, considerou-se tal variação as questões de gênero (masculino/feminino).

Na feitura do trabalho seguiram-se as trilhas da dialetologia, geolinguística, fonética e fonologia a exemplo dos estudos dialetais realizados, até então, no Brasil.

A rede de pesquisa está assim distribuída:

01 rede de Pesquisa: Vale do Acre (VA);

03 Zonas de Pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA).

06 Pontos de Inquérito: Porto Acre (PA) e Acrelândia (AC); Seringal Triunfo (ST) e Porto de Plácido; Seringal Sibéria (SS) e Porto de Xapuri (PX) que correspondem, respectivamente, às Zonas de Pesquisa descritas acima.

Tomam-se, em cada localidade, 02 homens e 02 mulheres na faixa etária C, ou seja, com informantes entre 36 e 80 anos, todos analfabetos, nascidos no Acre, com pais também acreanos, que tenham vivido no seringal e/ou exercido a atividade extrativista por um período de, no mínimo, cinco anos e que não tenham viajado para fora do estado do Acre e

que possuíssem os dentes da frente sem defeitos visíveis.

O estudo do léxico da comunidade seringueira proporcionou um melhor conhecimento da vida do povo da região. Tomando como base a leitura dos dados, observa-se o comportamento linguístico dos informantes acrianos do Vale do Acre e zonas de pesquisa. Uma comunidade humilde e pouco valorizada pela sociedade, mas que apresenta riqueza tanto nos costumes quanto na escolha vocabular. O povo acriano especificamente é constituído de origem dos seringueiros, qual a família acreana que não teve um pai, avô, bisavô ou tataravô que trabalhou no corte da seringa? Não somente para acrianos, mas para toda uma nação, pois como sabemos a borracha teve um grande valor financeiro e esses homens e mulheres corajosos, sofridos tiveram um grande valor no desenvolvimento do país.

Ao estudar os aspectos dialetais e observar na linguagem desse grupo social a entonação, a pronúncia, a escolha vocabular entre outros. Nota-se a presença do fenômeno dos metaplasmos que constituem as alterações fonéticas que podem alterar a palavra seja pela supressão, adição, transposição ou permuta de fonemas. Separamos os fenômenos mais acentuados por Vale.

1. POR AUMENTO:

1.1. Rio Branco:

Unha > zunha, três > trêis;

1.2. Xapuri: Xapuri:

Gavião > gaivião

1.3. Plácido de Castro:

melhorar > amelhorar,

arroz > arroizi

2. POR SUPRESSÃO

2.1. Rio Branco:

Iguarapé > garapé;

você > ocê > cê;

estava > tava. peixe > pêxe

seringueira > seringuêra

mosquiteiro > mosquitêro

2.2. Xapuri:

árvore > árve;

trabalhando > trabaiano,

tremendo > tremeno

2.3. Plácido de Castro:

Peixeira > pexêra;

madeira > maderá;

varadouro > varadô

leite > lête

Comum a todas as zonas:

virgem > virge

ontem > onte

meio > mei

homem > home

nuvem > nuvi

3. POR TRANSPOSIÇÃO

3.1. Rio Branco:

Turvo > truvu;

degrau > dregau

3.2. Xapuri:

dormir > drumí

3.3. Plácido de castro:

Turvo > truvo

4. OUTROS FENÔMENOS:

4.1. Encurtamento das sílabas do vocábulo devido a lei do menor esforço.

Ex.: espumadeira > pumadeira

pires > piri

alpercata > percata

bíblia > bibra

4.2. Despatalização – transformação de um fonema palatal em vocálico oral ou nasal.

Ex.: família > fãmia

abelha > abeia

sobancelha > sobranceia

orelha > orelha

OBS.: Nos casos em que a nasalidade recai sobre vogal que não comporta o sinal de til (~), assinalou-se o fonema com a consoante N maiúscula.

Ex.: madrinha > madriNa

sobrinho > sobriNo

sobrinha > sobriNa

4.3. Consonantismo - passagem do /j/, /g/, /s/ para /r/.

Ex.: Gente > rente

Já > rá

Jeito > reito

A gente > a rente

Mesmo > mermo

4.4. Rotacismo - troca do /l/ por /r/

Ex.: claro > craro

nublado > nubrado

4.5. Lambdacismo - troca do /v/ por /b/

Ex.: vagem > bagem

problema > poblema

4.6. Vocalismo - abertura do /i/ em /e/ e do /u/ em /o/, passagem da postônica final /o/ e /u/ para /e/ e /i/.

Ex.: diferença > deferença

cuidado > coidado

primeiro > premêro

balde > baldo

4.7. Sinalefa - reunião de duas sílabas em uma só, por elisão, crase ou sinérese.

Ex.: De assim > d'assim

Mãe de água > d'água

É interessante salientar no vocabulário dos informantes que quando o documentador pergunta o nome das partes do corpo, quando chega aos órgãos genitais, é unânime o constrangimento dos locutores ao responder, o ar de riso é constante. Nota-se o maior nível de variantes, segundo Fernando Tarallo (1994, p. 8), variantes são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Para denominar o órgão genital masculino: piroca, rola pinto, pau, nenhum entrevistado disse o nome científico, pênis, no órgão feminino: priguito, buceta,

concha, perseguida, o nome científico foi mencionado por uma entrevistada, vagina. Verificou-se que existia maior dificuldade pelas mulheres ao responder essa pergunta, houve caso que o locutor não sabia que nome dar para essa parte do corpo.

Neste estudo, verificou-se a riqueza no falar da comunidade acriana, possibilitando o estudo de forma sistematizada, a linguagem regional, com intenção de se conhecer melhor a língua brasileira.

O estudo das variações no interior da língua mãe contribuirá para os estudos das especificidades acreanas nas escolas. Possibilitando o estudo de forma sistemática a linguagem regional com objetivo de se conhecer melhor a língua brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vanderci; LIMA, Gleidy Aparecida. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: ILUFBA-EDUFBA, 2004.

BRANDÃO, Silva. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1998.

CRISTÓFAGO, Thaís Silva. *Fonética e fonologia do português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

FERREIRA Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

MACÊDO SOUZA, Márcia Verônica R. de. *Aspectos dialectológicos e lexicográficos do Atlas Etnolinguístico do Acre*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia, Guajará Mirim, 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade. (Orgs.). *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.